

## **NARRATIVAS DA POÉTICA POPULAR SERTANEJA: ENUNCIADOS DE BELEZA E VERDADE**

José Josberto Montenegro Sousa

Ao analisar aspectos de tradições de sertanejos, para este trabalho recorreremos a narrativas pertinentes ao repertório da poesia popular amplamente associada a uma caracterização do nordestino. Poesia de repercussão originalmente vinculada à oralidade, mas que se materializa na em formas escritas como a literatura de cordel.

Há, por assim dizer, um encadeamento de elementos do passado a ser decodificado pelo historiador como meio para acessar e compreender significados e historicidades de práticas culturais de homens e mulheres radicados em sertões cearenses de diferentes períodos.

Em seu universo, desde que suas falas não sejam reprimidas e freqüentemente desautorizadas, enunciam argumentos, proposições e respostas para os problemas de seu mundo. Porém, distintamente de formas legitimadas pelo discurso autorizado e de concepções elitistas e conservadoras, os quais contribuíram para disseminação de preconceitos e a marginalização de saberes e culturas de grupos populares.

A partir destas observações, percebemos que saberes e costumes tradicionais, transmitidos de uma geração a outra, mesmo em face de transformações do espaço social e das condições de vida de sertões do Ceará, mantêm-se e são reelaborados continuamente. Os sertanejos recorrem às suas sabedorias tradicionais com freqüência, seja por questão de confiança/desconfiança – confiam naquilo que convivem desde tempos remotos e são reticentes as novidades -, seja por não estarem convencidos quanto à eficácia de novos meios proporcionados pela ciência e a técnica, ou, ainda, por considerarem inacessíveis os recursos advindos da ciência e da técnica.

Além das questões relacionadas aos saberes e, uma vez que entre essas populações não houve, de maneira intensiva, a assimilação da linguagem escrita, sertanejos e suas culturas foram, predominantemente, representados por olhares externos às suas realidades, aparecendo como personagens de narrativas que falam

*sobre*<sup>1</sup> eles. Estas narrativas *sobre* produzidas por literatos e folcloristas, constituem significativos repertórios para pensarmos as experiências históricas destes grupos culturais.

Destacamos, porém, que estas narrativas, ao mesmo tempo em que revelam, são responsáveis por distorções ou omissões quanto à história de grupos para os quais experiências culturais mantidas por tradições constituem dimensão essencial para sua sobrevivência. Assim, ao pesquisar as práticas culturais de sertanejos nestas narrativas produzidas *sobre*, faz-se necessário identificar mensagem cujos significados não se deixam captar, senão em dobras de escritos e linguagens peculiares, que muitas vezes apenas insinuam aquilo que precisa ser dito frente a interdições a que foram submetidas. A tarefa de tornar inteligíveis estas narrativas requer exercício de sensibilidade que se disponha a juntar fragmentos dispersos, identificar os modos de apropriação e manipulações sofridas a fim de qualificar estratégias de grupos populares para manterem vivas suas tradições.

Evocar argumentos e experiências mantidas por tradições e que, entre outras formas de comunicação, repercutem no imaginário social difundido por gêneros de literatura oral ou por permanências e adaptações mantidas vivas em outras formas de narração – sonora, plástica, religiosa -, é que entendemos como possibilidade de questionarmos leituras convencionais construídas *sobre* as culturas tradicionais.

Buscamos Aprender experiências sociais de moradores de regiões sertanejas, no interior do Ceará, transmitidas por oralidade e preservadas em diferentes suportes de suas memórias, compreendidas como argumentos *de* sertanejos que compõem seu repertório poético.

Assumir o desafio de reconstruir dimensões culturais e sensibilidades que tornem inteligíveis narrativas de grupos populares frequentemente desenraizados exige proposição de questões na contramão de convencionais modos de ser, viver e pensar o mundo. Afinal, as condições que dão sentido aos seus viveres se organizam e podem ser compreendidas por meio de linguagens próprias.

Das vozes de sertanejos muito pouco se ouviu a respeito daquilo que sabem sobre as normas e condutas concebidas nas relações que vivenciam. Acompanhando o

---

<sup>1</sup> A esse respeito, Marilena CHAUI trata das tensões entre o discurso “sobre” o outro e a experiência “de”: **Ideologia e educação..** In: *Educação e Sociedade*. Rio de Janeiro: Cortez, 1980, ano II, n. 5, pp. 24-40.

pensamento de Roger Charter, é imprescindível atentar “às condições e aos processos que muito concretamente são portadores da produção de sentido”<sup>2</sup>, incluindo-se suas condições de vida e trabalho extremamente desfavoráveis, suas vozes fragmentadas e descontextualizadas, bem como a maneira como nos atingem - desconfiguradas e descaracterizadas -, compungidos a desacreditar de si mesmos e de suas próprias capacidades e saberes indispensáveis para a constituição e afirmação de suas identidades.

Por isso, ouvir e fazer-se ouvir demanda ousadia para surpreender insinuações tênues expressas por linguagens próprias às modalidades comunicativas de *personas* provenientes das ditas camadas populares, que por meio de cantares enunciam e reivindicam reconhecimento e direito de viver dignamente, além de manterem vivos liames capazes de recuperar sensibilidades dispersas.

Para melhor evidenciar o que pretendemos abordar neste trabalho chamamos atenção para narrativas próprias à tradição de oralidade que ecoam em cantares da poética sertaneja, como a do poeta Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré (1909 – 2002), homem que ousou enunciar poeticamente sentidos e sensibilidades opostas às percepções estereotipadas acerca de sertanejos cearenses.

Entrar em contato com as narrativas enunciadas por este representante de vozes sertanejas nos desperta percepções que instigam a questionarmos verdades simplistas e arrogantes que estabeleceram contraposições insuficientes para apreendermos a complexidade de experiências que não se submeteram completamente ao crivo da razão imposta pela colonialidade ocidental. Até por que, seria mais plausível pensarmos estas experiências como instâncias de mediações, evitando a pretensão de pautar falsas oposições entre certo/errado, culto/inculto, oral/ escrito, tradicional/erudito, natural/racional.

A poesia de Patativa do Assaré é inseparável de suas vivências. Sua poética traduz uma maneira de enunciar o mundo e ao mundo as belezas, verdades e denunciar injustiças do sertão. Fazer poesia, para Patativa, é “*contar verdade, falar contra a injustiça. A beleza da poesia consiste na verdade*”<sup>3</sup>. Em 1999, Antônio Gonçalves

---

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico**. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 8. Num. 16. (1995). pp. 179-192.

<sup>3</sup> SILVA, Antonio Gonçalves da (Patativa do Assaré). Entrevista à Maria Antonieta Antonacci. Gravada em Assaré - CE, 24/08/1999.

da Silva ou Patativa do Assaré, aos 90 anos de idade, concedeu entrevista à professora Maria Antonieta Antonacci. A entrevista com o poeta constituiu-se de um recital em que entre uma poesia e outra, Patativa falou da inesgotável fonte de sua poética: o vínculo que manteve durante a maior parte da vida com a natureza, por meio do trabalho na agricultura, na sua querida Serra de Santana. Certamente por isso sua poesia esteja repleta de expressões inspiradas em apreensões de sinais da natureza, como nos versos, que diz: *“Igual a voz do sabiá na mata / Quando ele canta na primeira chuva”*<sup>4</sup>.

Patativa, um dos mais reconhecidos nomes da poesia popular cearense, fazia questão de afirmar que durante a maior parte de sua vida trabalhara na agricultura.

*Eu passei aqui pra cidade com 70 anos de idade. Eu vivi foi lá no sítio trabalhando de roça e fazendo versos. Quando queriam que eu viajasse pra fazer apresentação, iam me buscar lá na Serra de Santana, aí eu viajava*<sup>5</sup>.

As reiteradas referências ao lugar de vida e trabalho não podem passar despercebidas na poesia patativana. A importância e o significado de ter a terra como lugar de vida e sustento marcam suas narrativas. Muitos de seus poemas reivindicam providências do governo para melhorar as condições de vida do homem do campo, denunciando as mazelas do trabalhador. *“Quero a terra dividida, / Pra quem nela trabalha. / Eu quero agregado isento. / Do terrível sofrimento*<sup>6</sup>.

Fazer verso em linguagem popular ou “matuta” constituiu modo de demarcar sua identidade com falares, pensares e viveres sertanejos. Não ter frequentado escola não impôs limite ao soar de sua voz e a verve de suas palavras. Sentia-se sertanejo de muitas leituras: *“Fui leitor assíduo, eu fui leitor constante.”*<sup>7</sup>

A poesia/verdade de Patativa assume, em alguns casos, a qualidade de manifesto. Manifesto de sabedoria e experiência de articulador de palavras que enunciam anseios lacerantes de quem é, a um só tempo, agente e narrador da realidade.

---

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Id. Ibidem.

<sup>6</sup> Id. Ibidem.

<sup>7</sup> Id. Ibidem.

*A minha poesia é só aquele prazer, que eu nasci com esse dom e tenho muito prazer em cantar a minha poesia. Fazer as minhas poesias bem simples do jeito que eu sou, contando a verdade, falando contra a injustiça*<sup>8</sup>

No falar simples das palavras de Patativa, ainda que lamentasse não ter tido acesso a escolarização, pois: “*passsei só em começo de escola*”, conquistou respeito e admiração ao construir forma peculiar de enfrentar desafios de seu viver sertanejo. Respeito conquistado, traduzido em sabedoria poética de *Cante lá, que eu canto cá*:

*Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.  
Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me insinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.*

*[...]Amigo, não tenha quêxa,  
Veja que eu tenho razão  
Em lhe dizê que não mêxa  
Nas coisa do meu sertão.  
Pois, se não sabe o colega  
De quá manêra se pega  
Num ferro pra trabaiá,  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá que eu canto cá.*

*Você teve inducação,  
Aprendeu munta ciência,  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa esperiença.  
Nunca fez uma paioça,  
Nunca trabaiou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida,  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem.*

*Repare que a minha vida  
É deferente da sua.  
A sua rima pulida  
Nasceu no salão da rua.  
Já eu sou bem deferente,  
Meu verso é como a simente  
Que nasce inriba do chão;  
Não tenho estudo nem arte,  
A minha rima faz parte  
Das obra da criação.[...]”<sup>9</sup>*

---

<sup>8</sup> Id ibidem.

<sup>9</sup> SILVA, Antonio Gonçalves da (Patativa do Assaré). *Inspiração nordestina*. (1ª Edição, 1956). São Paulo: Hedra, 2003. “*Cante lá, que eu canto cá*”, também é título do livro de Patativa, publicado pela editora Vozes em 1970, pp. 275-280.

Os versos, em linguagem popular, reproduzindo características do ser sertanejo, explicitam -, sob a forma de mensagem -, ao final do poema: “*Já lhe mostrei um ispeio, / Já lhe dei grande conseio / Que você deve tomá. Por favô, não mexa aqui, / Que eu também não mêxo aí.*”<sup>10</sup> –, uma reivindicação essencial, que poderia servir como princípio para repensarmos possibilidades de diálogos com *culturas tradicionais populares*.

A emergência da poesia de Patativa do Assaré difunde-se com intensidade das mais significativas para recuperar linguagens do sertão. O universo de culturas de tradições orais, segundo Gilmar de Carvalho, tem como uma de suas marcas a capacidade de fazer ecoar pelo sertão “*palavras voa,*” como nos diz a metáfora do poeta pássaro – Patativa. Seus enunciados rompem dimensões de tempos e espaços construídos nos domínios dos códigos escritos<sup>11</sup>.

Essa poesia traz consigo marcas de sabedorias arraigadas a terra. Como ocorre com a poética de Patativa, porta-voz e intérprete de sua gente, incontido, *dentro e fora* dos esquemas de um passado de tradições estanques. Epíteto da dinâmica capaz de atualizar-se continuamente, incorporando novas formas de percepção da realidade, que se renova conquistando espaços próprios, anunciando argumentos em defesa de sociabilidades dignas e justas para todos.

Esta reflexão exige superarmos presunções, advindas de todas as formas autoritárias de representação e discussão *sobre* o sertão, por meio de *práxis* que nos atingem pela mobilização conjunta de nossos sentidos e percepções: cores, odores, sons de uma cantiga desconhecida, mas que despertam e desafiam, como sugerem as palavras de Gilmar de Carvalho, “*a quem tem olhos para ver, ouvidos para ouvir e faro para perscrutar*” histórias instigantes e prenes de sabedorias.

Ao tratar da obra do poeta Patativa do Assaré, Carvalho considera haver, em sua poesia - inspirada em suas vivências cearenses -, um caráter de “*subversão*”, percebendo nestas a inconformidade e a relutância frente a dicotomias que afastam os sujeitos dos lugares que conferem sentidos à vida. A obra de Patativa manifesta

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> CARVALHO, Gilmar. *Patativa do Assaré: pássaro liberto*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002, p. 78.

sintonias admiráveis ao buscar, nas condições do mundo vivido, argumentos para fazer crítica política às estabelecidas fronteiras entre rural e urbano, oral e letrado.

*Eu nasci ouvindo os cantos  
das aves de minha serra  
e vendo os belos encantos  
que a mata bonita encerra  
foi ali que eu fui crescendo  
fui vendo e fui aprendendo  
no livro da natureza  
onde Deus é mais visível  
o coração mais sensível  
e a vida tem mais pureza.  
Sem poder fazer escolhas  
de livro artificial  
estudei nas lindas folhas  
do meu livro natural  
e, assim, longe da cidade  
lendo nessa faculdade*

*que tem todos os sinais  
com esses estudos meus  
aprendi amar a Deus  
na vida dos animais.  
Quando canta o sabiá  
sem nunca ter tido estudo  
eu vejo que Deus está  
por dentro daquilo tudo  
aquele pássaro amado  
no seu gorjeio sagrado  
nunca uma nota falhou  
na sua canção amena  
só canta só canta o que  
Deus ordena  
só diz o que Deus mandou.<sup>12</sup>*

A asserção contida na poesia de Patativa contrapõe a categorização do que convencionalmente se diz natural, social ou cultural. Nesta poesia, o dito natural, social ou cultural aparecem imbricados, evidenciando não existir paradoxo na convivência do que é considerado ordens distintas. A poesia de Patativa explicita injunções contínuas em *“uma visão ou possibilidade de leitura ampla, sensível e generosa, mas nem por isso menos rigorosa, da natureza e da cultura que para o poeta são uma coisa só”*<sup>13</sup>. Carvalho enfatiza que fazem parte de conceito adotado para interpretar uma *“Humanidade que busca outras mediações e amplifica a importância de um canto persistente como uma litania e rico como um mundo que nunca chegamos a descobrir.”*<sup>14</sup>

<sup>12</sup> ASSARÉ, Patativa do. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001, p. 19.

<sup>13</sup> CARVALHO, Gilmar. “Patativa do Assaré: natureza e cultura”. In: *Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste*, Fortaleza, v. 2, pp. 129-132, 1999.

<sup>14</sup> Idem.